

organizadoras

Sandra dos Santos Andrade

Marília Forgearini Nunes

Luciana Piccoli

# ENSINO Remoto

alguns temas emergenciais  
para uma prática pedagógica  
nos anos iniciais do Ensino Fundamental





organizadoras

Sandra dos Santos Andrade

Marília Forgearini Nunes

Luciana Piccoli

# ENSINO Remoto

alguns temas emergenciais  
para uma prática pedagógica  
nos anos iniciais do Ensino Fundamental



2021

São Paulo

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Caroline dos Reis Soares
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Editoração eletrônica	Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbida
Imagens da capa	Kali., Vectorium, Rawpixel.com - Freepik.com
Revisão	Luciana Piccoli Sandra dos Santos Andrade Marília Forgearini Nunes
Organizadoras	Sandra dos Santos Andrade Marília Forgearini Nunes Luciana Piccoli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

E598 Ensino remoto: alguns temas emergenciais para uma prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Sandra dos Santos Andrade, Marília Forgearini Nunes, Luciana Piccoli - organizadoras. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 176p..

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-5939-289-6 (eBook)

1. Educação. 2. Ensino remoto. 3. Aprendizagem. 4. Escola. 5. Pandemia. 6. Ensino Fundamental. I. Andrade, Sandra dos Santos. II. Nunes, Marília Forgearini. III. Piccoli, Luciana. IV. Título.

CDU: 370  
CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.896

---

**PIMENTA CULTURAL**

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com







*Caroline Fraga Feijó*

*Luciana Piccoli*

*Renata Sperrhake*

**EXPERIÊNCIAS  
DE ALFABETIZAÇÃO  
NO ENSINO REMOTO:  
POSSIBILIDADES LÚDICAS,  
CONTEXTUALIZADAS  
E INTENCIONAIS**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.896.21-34

## INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

As dificuldades que os tempos de pandemia estão impondo à educação e ao ensino remoto emergencial, justamente na alfabetização, certamente apresentam desafios de diferentes ordens. Assim, iniciamos esse texto com um exercício, buscando listar alguns desses desafios não no intuito de esgotá-los, mas objetivando tanto uma documentação do período presente quanto uma forma de materializá-los para que, agora e no futuro, possamos pensar sobre eles.

O primeiro desafio que citamos é o da manutenção do vínculo da professora com a turma e com as crianças individualmente. Que interações entre professora e alunos são possíveis de serem realizadas com os recursos tecnológicos de que as famílias dispõem? Pensamos que, especialmente na alfabetização, no ensino remoto emergencial, esta deve ser a primeira preocupação docente. Se presencialmente o afeto, as relações sociais para que a aprendizagem ocorra são essenciais, agora, as redes de sociabilidades precisam ser mantidas e fortalecidas.

O segundo desafio se refere a como buscar a inclusão das crianças na realização das propostas. Em relação a isso, algumas perguntas surgem: qual o percentual de crianças de cada turma é possível efetivamente incluir no desenvolvimento das propostas? De que recursos digitais e materiais as famílias dispõem em casa? De que modo uma seleção adequada de recursos didáticos, de fácil acesso doméstico, pode potencializar esta inclusão?

O terceiro desafio do ensino remoto com crianças em fase de alfabetização está vinculado ao grau de autonomia dessas crianças para o estudo em casa. Não se quer sobrecarregar as famílias, pois

<sup>3</sup> Este texto foi produzido a partir da live “Compartilhando experiências no ensino remoto: propostas para a alfabetização” ocorrida em junho de 2020 no canal QQB UFRGS em <https://www.youtube.com/watch?v=plVVTgF5MGk>



os responsáveis seguem trabalhando, seja em casa ou não, então, as professoras têm o desafio de planejar propostas que estejam de acordo com as possibilidades de auxílio das famílias, ou que as crianças tenham autonomia para realizar sozinhas.

O quarto desafio diz respeito ao papel da família e da professora neste contexto de ensino remoto. A família não é e não pode ser uma substituta da professora. É ela, a professora, quem tem formação específica para planejar e desenvolver as propostas didáticas de alfabetização. Por que planejar uma aula de leitura selecionando determinado livro e rejeitando outros, como realizar intervenções sob medida, com boas perguntas, a alunos com diferentes conhecimentos sobre o sistema de escrita, são alguns exemplos de por que a professora deve estar didaticamente à frente na alfabetização.

Esses desafios nos instigam a pensar numa pergunta quase fundamental: será possível alfabetizar no ensino remoto? Não nos atrevemos a responder essa pergunta de maneira direta e, talvez, simplificada, apenas de forma afirmativa ou negativa. E entendemos que a resposta a essa pergunta pouco ajuda a avançar na análise e na discussão das práticas pedagógicas que estão sendo mobilizadas pelas professoras alfabetizadoras no contexto do ensino remoto. Portanto, a partir da apresentação de práticas desenvolvidas em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental por uma professora alfabetizadora do município de Porto Alegre, Caroline Fraga Feijó, pretendemos discutir possibilidades de promoção de reflexão sobre a língua escrita que venham a auxiliar as crianças a seguirem o processo, obviamente já iniciado independentemente da escola, de imersão nas práticas letradas e de compreensão do sistema alfabético de escrita.

## EXPERIÊNCIAS DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO REMOTO

Nesta seção, serão apresentadas propostas didáticas desenvolvidas no período do ensino remoto emergencial, na pandemia da Covid-19 em 2020, pela professora Caroline, na já citada turma de 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola da Rede Municipal de Porto Alegre.

As propostas aqui apresentadas são fragmentos de um planejamento intencional e contextualizado. Este planejamento tem algumas marcas importantes as quais se mantiveram no ensino remoto, são elas: a ludicidade, a curiosidade e a literatura. Essas marcas foram fundamentais para aquecer e manter os vínculos entre professora e alunos ao longo desse período de distanciamento físico. Outra marca importante do planejamento para a alfabetização da professora foi o foco voltado ao desenvolvimento de diferentes habilidades de consciência fonológica e, assim, a partir desses estudos, faremos algumas costuras conceituais.

A primeira preocupação, logo que as aulas foram suspensas, foi em manter os laços com as crianças e com as famílias. Assim, foi criada uma *Fanpage*<sup>4</sup> onde diariamente eram postadas propostas lúdicas e orientadas, que as famílias, sendo mediadoras nesse processo, poderiam realizar com as crianças. A intenção era garantir a manutenção do vínculo com a escola e explorar habilidades importantes e necessárias para o processo de alfabetização, assim como oferecer suporte pedagógico às famílias.

<sup>4</sup> *Fanpage*: Fanpage ou “Página de fãs” é uma página específica dentro do Facebook direcionada para empresas, marcas ou produtos, associações, sindicatos, autônomos, ou seja, qualquer organização com ou sem fins lucrativos que desejem interagir com os seus clientes no Facebook. [https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A3\\_site](https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A3_site) Acesso em 29/05/2021.

O contato com as famílias aconteceu através do grupo de *Whatsapp*, uma prática recorrente da professora como forma de comunicação e de apresentação das propostas lúdicas realizadas no ensino presencial. No período de Ensino Remoto Emergencial, o grupo da turma no *Whatsapp* foi o principal meio de comunicação entre a professora e as famílias para envio de recados, postagem de *cards* das tarefas a serem realizadas, envio de vídeos e áudios com as orientações e encaminhamentos das propostas, realização de vídeo-chamadas para manter o vínculo com as crianças e para intervenções mais pontuais e individualizadas.

O planejamento das propostas foi pensado avaliando a acessibilidade, os recursos digitais disponíveis para as crianças, bem como o tipo de conexão que as famílias tinham. Outro aspecto contemplado foi proporcionar propostas lúdicas envolvendo a criança de forma autônoma, garantindo seu protagonismo, buscando o encantamento e a alegria em aprender. Para tanto, foram considerados recursos materiais simples e de fácil acesso às famílias.

No ensino presencial, a turma estava engajada em propostas acerca do nome próprio, dessa escrita considerada estável, por meio de reflexões sobre a letra inicial, letra final, quantidade de sílabas, rimas e aliterações, essas duas últimas habilidades realizadas em relação a outras palavras. Dando continuidade a esse trabalho, no ensino remoto, a professora propôs que as crianças confeccionassem as letras móveis do seu nome próprio, com o papelão do rolo de papel higiênico, em seguida, montassem um acróstico usando objetos da sua casa relacionando a cada letra do seu nome. A proposta foi orientada às famílias a partir de um vídeo enviado no grupo da turma. A ideia do acróstico foi repetida em outros momentos comemorativos, entre eles, o aniversário da escola e a Páscoa.



Figura 1 - Exemplo de acróstico com o nome da professora.



Fonte: Acervo da Profa. Caroline Feijó.

Nessa proposta acerca do nome próprio, quando a professora apresentou elementos cujas palavras iniciavam com cada uma das letras de seu nome (colher, arroz, relógio, ovo, laranja, imã, nuvem, elefante), estava em foco a consciência grafofonêmica. Os alunos precisavam, nesta proposta, produzir uma palavra que iniciasse com determinada letra, essa foi a habilidade exigida das crianças, tão necessária para a compreensão do princípio alfabético, do estabelecimento das relações entre fonemas e grafemas, entre sons e letras. Para Soares (2016, p. 216), a consciência grafofonêmica é o nível mais avançado da consciência fonológica e é “[...] essa associação que leva a criança à identificação de fonemas em palavras ou sílabas”.

Um jogo bastante significativo foi a Trilha Silábica, comum no cotidiano das turmas de alfabetização, que foi adaptado para o momento remoto. Através de um tutorial, as crianças foram orientadas a confeccionar uma trilha em uma folha ou papelão, usar como pinos tampas de garrafa e colocar, dentro de uma fronha de travesseiro ou sacola, dez objetos da sua casa. A professora marcou uma live no Facebook para explicar a dinâmica do jogo: dois jogadores posicio-

nam seus pinos no início da trilha, um por vez retira um objeto, nomeia e conta a quantidade de sílabas, a qual determina a quantidade de casas a serem percorridas na trilha. Após o jogo, houve uma atividade de sistematização envolvendo desenho dos objetos usados na trilha, representação da quantidade de sílabas e hipótese de escrita.

**Figura 2 - Jogo de Trilha Silábica.**



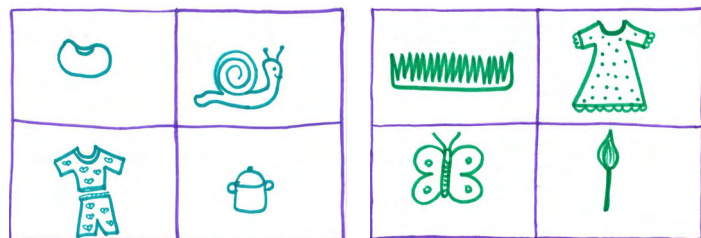
Fonte: Acervo da Profa. Caroline Feijó.

Na trilha silábica, a consciência silábica esteve em jogo. Os alunos tiveram que segmentar palavras em sílabas e contar o número de sílabas das palavras, habilidades consideradas prioritárias para Morais (2019) de serem desenvolvidas desde o final da Educação Infantil. Assim as crianças fizeram, por exemplo, com bo-la, de duas sílabas, com cão, de uma sílaba, e com tar-ta-ru-ga, de quatro sílabas. A consciência silábica é essencial para que a criança comece a prestar atenção ao estrato fônico da fala ao escrever e, assim, atente às sequências orais das palavras, as sílabas, buscando, então, representá-las também na escrita.



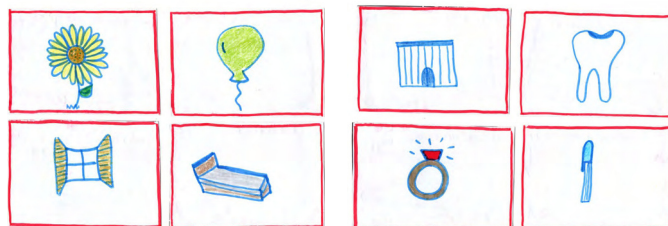
A leitura é uma atividade permanente na sala de aula presencial. Uma forma de manter esse contato das crianças com leituras no período remoto foi através do envio de vídeos e áudios da professora lendo. Entre as propostas a partir da literatura infantil, ocorreu uma bastante significativa: foi após a leitura da obra “Você Troca?” de Eva Furnari. Foi realizado o Jogo de Rimas, orientado pela professora através de vídeo, desde a confecção do recurso até o modo de jogar, com explicitação das intervenções que o adulto poderia realizar no momento do jogo. Para a realização do Jogo de Rimas, as crianças construíram duas cartelas e cartinhas com figuras definidas pela professora. O jogo tem o seguinte funcionamento: uma cartela para cada jogador, as cartinhas dispostas sobre a mesa com a figura virada para baixo, um jogador por vez retira uma carta, nomeia e procura na sua cartela um par de rima: se encontrar, fica com a carta; se não tiver, coloca sobre a mesa novamente. Vence quem completar as duplas de rima primeiro. O seguinte repertório de figuras foi usado no jogo: cartela 1 - feijão, caracol, pijama, panela; cartela 2 - pente, camisola, borboleta, pincel; cartinhas com figuras - balão, girassol, cama, janela, dente, gaiola, caneta, anel.

Figura 3 - Cartelas do Jogo da Rima.



Fonte: Acervo da Profa. Caroline Feijó.

Figura 4 - Cartinhas do Jogo da Rima.



Fonte: Acervo da Profa. Caroline Feijó.

A proposta a partir do livro “Você troca?” focalizou a consciência de rimas. Para realizá-la, as crianças tinham que produzir palavras que rimassem e identificar semelhanças sonoras no final de palavras, as rimas: balão-feijão, borboleta-caneta, panela-janela. Soares (2016) enfatiza a necessidade de desenvolver a consciência de rimas e aliterações “[...] de forma sistemática por meio de atividades que levem a criança a reconhecer rimas ou aliterações”, habilidade explorada pela professora Caroline no Jogo de Rimar.

Outra obra literária que rendeu diferentes explorações foi “A Casa Sonolenta”, de Audrey Wood e Don Wood, lida pela professora através de um vídeo e contada por uma contadora de um vídeo disponível no YouTube. Entre as propostas, a turma fez dobradura de casa desenhando a serialização dos personagens no quarto, cenário principal da história, e refletiu sobre a escrita dos nomes dos personagens, por meio da identificação da letra inicial e da quantidade de sílabas. Um dos registros foi desenhar os personagens em rolos de papel higiênico seguindo a serialização. A partir dos nomes dos personagens, os alunos foram desafiados a refletir sobre a sílaba inicial, relacionando às palavras escolhidas pela professora.



Figura 5 - Capa do livro “A Casa Sonolenta” e recurso produzido.



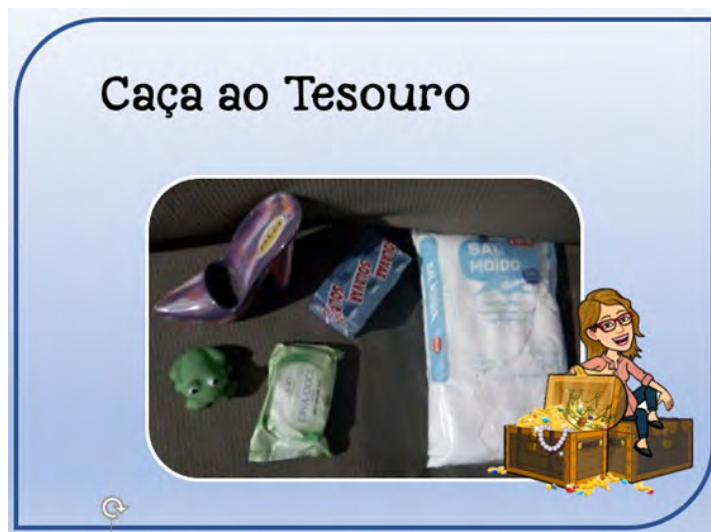
Fonte: Acervo da Profa. Caroline Feijó.

A partir do livro “A casa sonolenta”, ao contrário das rimas, o foco foi deslocado para o início das palavras. Os alunos precisaram identificar semelhanças sonoras no início das palavras, nas sílabas iniciais, como em MEDalha-MENino, GAVeta-GATo, PULseira-PULga. Essas duas últimas propostas, de rimas e aliterações, possibilitam, especialmente quando associadas à escrita, que a criança perceba que pedaços sonoros se repetem no início ou no final das palavras e, sendo iguais oralmente, tendem a serem escritos da mesma forma.

O período de pandemia e isolamento social se estendeu e por isso foi necessário ampliar os conhecimentos do sistema de escrita alfabética. Uma das propostas com o objetivo de conhecer as letras do alfabeto foi a Caça ao Tesouro, propondo desafios para as crianças: procurar, na sua casa, tesouros (objetos), que comesçassem com a letra nomeada pela professora. Após essa caçada, fotografar os objetos encontrados e enviar para a professora. Outro desafio foi fazer a letra

nomeada com massinha de modelar, com brinquedo, com tecido. Através de vídeo, a professora mostrava outros objetos com a letra inicial em estudo, para ampliar o repertório das crianças.

Figura 6 - Fotografia da proposta “Caça ao Tesouro”.



Fonte: Acervo da Profa. Caroline Feijó.

Seguindo com a proposta de pensar sobre a letra inicial, a professora criou *cards*, fotografando objetos de sua casa, postando no grupo da turma, no início do dia, instigando as crianças a descobrirem o segredo de cada *card*, que envolvia descobrir a letra inicial dos objetos. No final do dia, a professora revelava o segredo dos *cards*.



Figura 7 - Alfabeto “Qual é o Segredo?”.



Fonte: Acervo da Profa. Caroline Feijó.

Na proposta Alfabeto “Qual é o segredo?”, também foi necessário que as crianças identificassem semelhanças sonoras no início de palavras, mas em um nível mais sutil do que o da sílaba, o do som inicial, do fonema. Assim, identificaram que Caroline, Cadeira, Caderno iniciam com o mesmo som e que Pinto, Pirulito e Panela também, sem fazer a tentativa (que é sempre frustrada!) de pronunciar o fonema isoladamente. Ao relacionar esses fonemas aos respectivos grafemas C e P, as crianças estão desenvolvendo a consciência fonográfica, a relação som-letra, imprescindível à compreensão do princípio alfabético, como já explicitado nesta seção.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Finalizando, podemos dizer que, por meio dessas propostas de consciência fonológica, a professora demandou dos alunos variadas habilidades, todas prioritárias, segundo Moraes (2019) para que uma criança possa se alfabetizar. Sem dúvida, para que isto ocorra, é necessário o trabalho sistemático e constante da professora junto de seus alunos, por meio de qualificadas mediações no cotidiano da sala de aula. O que vimos aqui, no relato da professora Caroline, foi como é possível, no ensino remoto, explorar essas habilidades de forma contextualizada, lúdica e com recursos acessíveis às famílias. Soares (2020) explicita que a produção de jogos e artefatos confeccionados pelas professoras com o auxílio das crianças podem substituir, inclusive com vantagem, as tecnologias de ensino.

Esse foco nos jogos é uma característica que fica evidente nas propostas compartilhadas neste texto e que explicita o caráter essencialmente lúdico da prática pedagógica da professora. Outro destaque importante é o uso de recursos que, possivelmente, a maioria das famílias tem em casa, como rolinhos de papel higiênico, prendedores de roupa, etc. Também destacamos a versatilidade dos recursos escolhidos pela professora para serem confeccionados em casa, o cuidado de que esses recursos pudessem ser utilizados de várias formas.

Como destaque final, queremos enfatizar o quanto de conhecimento profissional é mobilizado pela professora alfabetizadora para pensar e planejar essas propostas. Ou seja, o quanto ensinar, mesmo que no contexto do ensino remoto, exige uma série de conhecimentos que são próprios dos profissionais da docência, das professoras alfabetizadoras, e que se refere ao protagonismo docente na alfabetização. Como um posicionamento político, entendemos ser primordial que, no ensino remoto, a professora siga sendo criadora de seus pró-



prios recursos didáticos e não se dobre à avalanche de materiais prontos à disposição na internet que, por si só, sem um olhar crítico e de adaptação, não permitem que o ensino seja direcionado e contextualizado à sua turma. Assim como entendemos que não devemos aceitar a adesão a materiais encartilhados, que minimizam o conhecimento profissional da docente e seu poder de escolha. Podemos e devemos sim nos inspirar em práticas potentes como essas que a professora Caroline compartilha neste texto, mas sempre pensando em como adequá-las ao contextos dos nossos alunos, aos seus conhecimentos e, no momento presente, ao contexto também das famílias dessas crianças, buscando, sempre, incluir a todos.

## REFERÊNCIAS

FURNARI, Eva. *Você troca?* 3. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

MORAIS, Artur Gomes de. *Consciência fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

WOOD, Audrey. *A casa sonolenta*. Tradução de Gisela Maria Padovan. 16 ed. São Paulo: Ática, 1999.